

## Capítulo I

Tudo começou com a morte de meu pai. Mesmo que eu vivesse cem anos, nunca me esqueceria daquele dia. O céu estava cinza-chumbo, e os ramos desfolhados das árvores, escuros de umidade. Os homens carregaram-no para dentro de nosso alojamento, e seu rosto estava cinzento como o céu.

— Algum maldito tolo estava caçando no bosque, srta. Cathleen — disse Paddy, com a face marcada pelo tempo vermelha de emoção e frio. — Ele não deve ter visto o sr. Daniel cavalgando. Freddie foi chamar o médico.

— Papai. — Ajoelhei-me ao lado da cama. O tecido que havia sido a camisa de Paddy fora embolado e apertado sobre a ferida em seu peito, e encontrava-se ensopado de sangue. Seus olhos se agitaram ante o som da minha voz. Os cílios se ergueram e, pela última vez, fitei aquele azul brilhante e familiar.

— Kate... Jesus... Estou liquidado. — Ele fechou os olhos.

— Papai! — Eu estava o mais perto que já havia chegado da histeria. Porém, obriguei-me a manter a voz firme. — O médico está vindo. O senhor ficará bem.

— Eu não... achei que ele... suspeitasse... que eu sabia — meu pai murmurou.

— Não achou que *quem* suspeitasse, papai? — Minha voz soou aguda. — O senhor sabe quem atirou?

Ele não respondeu de imediato.

— *Papai?*

— Não sei... quem... — Ele abriu os olhos de novo e fitou Paddy. — Mande chamar... Charlwood. O irmão de Lizzie. — Houve um silêncio enquanto ele recuperava o fôlego. — Para tomar conta de Kate.

— Ninguém vai tomar conta de mim — falei. — Apenas fique quieto e espere o médico. O senhor ficará bem, papai.

Os olhos azuis mantiveram-se fixos no velho criado, que o acompanhava desde a infância.

— Paddy?

— Estou bem aqui, sr. Daniel.

— Prometa... — Houve mais um instante de silêncio enquanto ele respirava com dificuldade. O esforço agonizante fez-me cravar as unhas nas palmas. — Prometa que vai buscar... Charlwood.

— Vou, sim, fazer isso, sr. Daniel. — A suave voz do irlandês foi firme. — Não se preocupe. Vou assegurar que tomem conta da srta. Kate.

O peito manchado de sangue arfava. Olhei freneticamente na direção da janela do pequeno e gasto alojamento. Não havia som de cavalos indicando a chegada do médico. O único ruído no aposento era o da agourenta respiração de meu pai.

— Não fale, papai — eu disse. — O médico chegará logo.

Ele me fitou mais uma vez.

— Fui um mau pai, Kate — ele murmurou. — Mas... eu amo você.

Seus olhos se fecharam, e nunca mais se abriram.

Minha primeira reação foi de raiva cegante e absoluta. Na verdade, criei tamanha comoção que o magistrado local instituiu uma busca pelo assassino de meu pai. Porém, a procura foi infrutífera. Então o pesar se estabeleceu.

Eu não chorei. Havia pranteado a morte de minha mãe, mas tinha apenas dez anos na época; era jovem demais para perceber a futilidade das lágrimas. Isso foi algo que aprendi ao longo dos anos. Chorar não a trouxera de volta, e tampouco traria meu pai.

Uma chuva fria começou a cair enquanto Paddy e eu retornávamos para o alojamento após o funeral de papai. As ruas de Newmarket estavam desertas. A pista de corridas estava fechada em novembro, e o aspecto triste da cidade ecoava o sentimento em meu coração.

— O sr. Daniel gostaria de ser enterrado em Newmarket — Paddy comentou, tentando me animar um pouco. — Foi gentil que tantos dos rapazes tivessem comparecido ao funeral.

Também haviam estado presentes na igreja e no cemitério diversos treinadores e até mesmo alguns proprietários dos haras locais. De

seu próprio modo, papai fora um homem bastante conhecido.

— Sim — concordei, voltando o rosto para o amigo leal que fazia parte de minha vida desde que eu havia nascido. Sentia-me totalmente desamparada. — O que vou fazer agora, Paddy?

— Vamos esperar seu tio aqui, srta. Cathleen — ele respondeu.

Não era a resposta que eu queria escutar. Mordendo o lábio, olhei para o chão. Chutei para a rua a pedra próxima ao meu pé. Ela aterrissou na lama com um pequeno ruído.

— Não acha que poderíamos prosseguir sozinhos com o negócio? — indaguei. — Você compraria os cavalos, e eu os treinaria.

Paddy me deu um abraço forte, e então me soltou. Sua voz era pesarosa, porém firme, ao responder:

— Seu pai queria que ficasse com a família da sua mãe, garota, e eu acho que ele estava certo. Você tem dezoito anos, srta. Cathleen. Não é vida para uma jovem bem-nascida perambular por haras ao lado de tipos como eu.

— É a vida que sempre vivi. Amo você, Paddy. E nem mesmo *conheço* meu tio. — Lancei-lhe um olhar calculado para fazê-lo derreter-se de compaixão.

Contudo, isso não aconteceu.

— Ele é irmão da sua mãe, e um nobre — Paddy falou animadamente. — Eu seria um péssimo amigo se interferisse em tal oportunidade.

Chutei outra pedra na rua.

— Nós nem mesmo sabemos se ele está vindo.

— Se ele não vier, discutiremos o que fazer. — A porta do alojamento assomou à nossa frente e, enquanto entrávamos, fiz uma prece silenciosa para que meu tio não aparecesse.

Ele chegou no dia seguinte. Ainda me lembro do som de seus passos firmes no corredor. Paddy estava comigo, e foi ele quem abriu a porta. Quando Charlwood apresentou-se, o velho criado permitiu que ele entrasse.

— O senhor parece terrivelmente jovem para ser o tio da srta. Cathleen. — O olhar crítico de Paddy percorreu o aristocrata impecável do topo de seu cabelo cuidadosamente penteado até

as pontas dos pés. Ele passara anos demais seguindo papai pelas propriedades e pistas de corrida inglesas para impressionar-se com a qualidade daqueles trajes ou com o brilho das botas.

— Tenho trinta e dois anos — disse Charlwood. — Minha irmã era seis anos mais velha.

— O senhor se parece com a srta. Elizabeth — Paddy admitiu de má vontade.

Era verdade que ele tinha o mesmo cabelo castanho-avermelhado da minha mãe e os olhos verde-mar. No entanto, os de minha mãe haviam sido suaves e enevoados, enquanto os dele eram quase surpreendentemente claros. Eu me levantara para cumprimentá-lo, e estávamos ambos em pé, fitando-nos, com um metro de tapete gasto entre nós.

— Vim convidá-la para ir para casa comigo, Kate — ele falou. — Sua mãe era minha única irmã, e quero cuidar de você. Por ela.

Seu rosto e sua voz pareciam sinceros. Olhei para Paddy.

— Acho que deveria ir com seu tio, srta. Cathleen — ele opinou. — Era o que seu pai queria.

Assenti. Apesar do coração partido, não chorei. Em vez disso, olhei ao redor do pequeno e desbotado aposento onde papai morrera. Tínhamos ido a Newmarket naquela improvável época do ano porque ele estava esperando vender dois cavalos ao marquês de Stade, cuja propriedade ficava perto dali. Contudo, papai ainda não fechara o negócio, e nós ainda tínhamos os dois cavalos no estábulo da hospedaria. Eram ambos grandes e genuínos cavalos de caça que eu treinara, e valiam um bom dinheiro.

— Leve os cavalos — eu disse a Paddy.

O velho homem olhou para o refinado nobre inglês.

— A srta. Cathleen não vai querer nada — Charlwood afirmou, sorrindo. — Pode ficar com os cavalos.

Na manhã seguinte, parti de Newmarket na carruagem de meu tio. A chuva havia parado durante a noite, e o resplandecente céu azul da manhã não indicava as tempestades que se seguiriam.

A Mansão Charlwood era enorme, vazia e fria. Desde a morte

do pai, alguns anos antes, meu tio vivia sozinho. Ele não era casado.

Ele me revelou isso quando paramos para trocar os cavalos, e um alarme soou em minha mente. Eu havia suposto que um homem daquela idade seria casado. Ao notar minha reação, ele me garantiu que tinha chamado uma respeitável prima para me fazer companhia.

— As convenções sociais serão respeitadas, Kate — ele me assegurara com um sorriso.

Já estava escuro quando chegamos à residência, localizada oito quilômetros a sudoeste de Reading. Prima Louisa nos aguardava na fria sala de estar. Ela era uma pessoa tímida e franzina e, caso eu tivesse tido qualquer espaço em meu coração para outro sentimento além do pesar, teria sentido pena dela.

Louisa pareceu surpresa quando me viu.

— Sim — disse Charlwood, suavemente —, ela é a imagem do pai.

Havia um tom estranho em sua voz, e eu o fitei, surpresa. Ele sorriu. Meu tio sorria bastante com os lábios, mas eu já reparara que seus olhos nunca se alteravam.

— Louisa lhe mostrará seu quarto, Kate — ele falou. — Seja bem-vinda à Mansão Charlwood.

Até hoje, tenho poucas recordações de como realmente era o local. Sei que os quartos eram grandes, mas todos pareciam silenciosos. Era como se ninguém tivesse morado lá por um longo tempo. As janelas estavam todas recobertas com cortinas de veludo escuras e pesadas, que impediam a passagem do sol. Mesmo quando o fogo e as velas estavam acesos, os aposentos aparentavam ser tristes e frios. À noite, eu permanecia deitada por muito tempo, atenta ao silêncio sepulcral da casa. Era difícil acreditar que alguém já tivesse sido feliz naquele lugar; mas difícil ainda era imaginar minha mãe sendo uma garotinha ali. Quando finalmente adormecia, sonhava com meu pai.

Vivi dessa forma por seis meses, com o coração tão congelado quanto o solo do lado de fora da janela. Meu tio levava a vida nômade de um aristocrata solteiro, dividindo seu tempo entre Londres e as residências de seus amigos e, portanto, eu o via com pouca

frequência. Convivia apenas com prima Louisa. Conversávamos educadamente durante as refeições, porém, exceto por isso, ela respeitava meu pesar e me deixava sozinha.

O inverno transcorreu lentamente. A terra suavizou-se; grama e flores surgiram. Narcisos floresceram, e havia perfume de lilases no ar. Na casa, mantinha-se a atmosfera estagnada e inerte, mas do lado de fora o mundo estava vivo. A contragosto, eu também comecei a despertar da longa hibernação.

No início de maio, meu tio chegou em casa e disse que me levaria para Londres.

— Londres? — Fazíamos a refeição na escura e lúgubre sala de jantar, e eu o encarei por sobre as velas. — Por quê?

— Por que não? — ele replicou. — Não é bom para você permanecer confinada aqui no interior. Está bastante pálida, minha querida. — Ele pôs um pequeno pedaço de batata na boca e mastigou-o devagar. — Você teve o inverno para sofrer por seu pai; agora está na hora de retomar a vida.

Eu estivera refletindo sobre a mesma coisa durante semanas e não entendi o ressentimento que senti ao escutá-lo dizer aquilo. Brincando com a comida no prato, franzi o cenho.

— O que eu farei em Londres?

— O que todas as garotas normais fazem. Ir a festas. Procurar um marido.

Ergui os olhos ao ouvir essas palavras. Ele me fitava, com perspicácia.

— Não é impossível, Kate. Seu pai era um João-ninguém, mas sua mãe era filha de um visconde.

De imediato, saí em defesa de meu pai.

— Meu pai não era um João-ninguém! Os Fitzgerald são uma família irlandesa muito antiga.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez, minha querida, mas os Fitzgerald há muito tempo não assumem mais a responsabilidade por seu pai. Daniel não era nada além de um jogador e um comerciante de cavalos. Ele arrastou minha pobre irmã de uma pista de corridas para a outra e de um alojamento

imprestável para outro. Não surpreende que ela tenha morrido antes dos trinta e cinco anos.

Eu estava furiosa. Aparentemente, aquilo podia ser verdade, mas ele ignorara a parte mais importante. Cerrando os punhos, eu disse com calma:

— Nunca passamos fome. Papai era um bom homem e amava muito a minha mãe.

— Daniel era apenas um feiticeiro irlandês de boa aparência, que seduziu minha irmã para que ela fosse obrigada a casar-se com ele — Charlwood disse cruelmente.

Levantei-me. O criado, que estava prestes a servir-me mais limonada, imobilizou-se. Prima Louisa emitiu alguns ruídos aflitos.

— Eu não vou me sentar aqui e escutá-lo difamar meu pai.

— Sente-se — Charlwood falou por entre os dentes. Sua face estava lívida, e os olhos brilhavam de uma forma alarmante. Na verdade, ele parecia bastante assustador. Entretanto, durante toda uma vida trabalhando com cavalos, aprendi que, ao demonstrar medo, a pessoa pode considerar a batalha perdida. Os mesmos princípios se aplicavam aos homens.

Com uma voz tão fria quanto a dele, eu disse:

— Vou me sentar se você parar de caluniar meu pai. — Eu tinha bom-senso suficiente para não pedir-lhe que se desculpasse.

O silêncio dominou o aposento enquanto nos encarávamos.

— Sente-se, Kate — prima Louisa falou com nervosismo.

Fitei-a. A pobrezinha parecia aterrorizada. Devagar, sentei-me e peguei meu garfo. Após um instante, o criado serviu-me mais limonada, enquanto outro enchia de vinho a taça de meu tio.

— Vai querer que eu os acompanhe a Londres, Charlwood? — Louisa indagou em meio ao tenso silêncio.

— Certamente.

Pus um pedaço de carne de carneiro na boca e não falei nada. Tinha meus próprios motivos para querer ir a Londres. Olhando por sob os cílios para o rosto de meu tio, permiti-me constatar conscientemente algo que, no íntimo, sempre soubera. Eu não gostava dele.

— Kate precisará de roupas se começar a frequentar a sociedade

— Louisa comentou. — O guarda-roupas dela é... um tanto esparso.

— Pode levá-la fazer compras, Louisa, e me envie as contas — meu tio disse, tendo aparentemente recuperado o bom humor.

Mordi o lábio. Não queria o dinheiro dele.

Prima Louisa sorriu para mim.

— Você será a garota mais linda em Londres, minha querida — ela falou.

Sorri de volta, apreciando a generosa tentativa de me animar. Contudo, era pequeno o risco de eu permitir que aquelas palavras subissem à minha cabeça. Eu podia ter herdado o rosto de meu pai, mas ainda era irlandesa e pobre, e as chances de conseguir um bom casamento eram, no mínimo, escassas. No entanto, eu não tinha intenção de passar o resto da vida dependendo do dinheiro de meu tio e, para ser independente, precisava encontrar uma forma de me sustentar.

*Talvez*, pensei, com o incurável otimismo da juventude, *talvez em Londres surja algo*.

Na manhã seguinte, levantei-me cedo para cavalgar. Os cavalos de caça de meu tio encontravam-se nos estábulos de Charlwood desde janeiro, quando acabara a temporada de caça, e eu os vinha cavalgando nos dias em que o tempo estava menos desagradável. O sol estava nascendo quando saí do quarto e comecei a caminhar pelo corredor escuro e repleto de pinturas nas paredes, onde se situavam os aposentos principais. Detive-me ao ver uma garota sair do quarto de meu tio.

Era Rose, a jovem arrumadeira. Embora estivesse totalmente vestida, tinha o belo cabelo cor de mel solto e embaraçado. Parando ao ver-me, ela se pressionou contra a parede. Encarei-a, confusa, e notei um feio vergão em sua face esquerda. Os olhos vermelhos revelavam que ela estivera chorando.

— Você está bem, Rose? — indaguei.

— Sim, srta. Fitzgerald — ela murmurou.

Ela não parecia bem. Meus olhos passaram do rosto marcado à porta do quarto de meu tio.

— Eu... eu estava trazendo a lorde Charlwood o chá matinal — ela balbuciou.

Conforme mencionei anteriormente, o sol mal havia nascido.

— Entendo — falei com uma voz inexpressiva.

Ela começou a afastar-se aos poucos pelo corredor, com as costas ainda pressionadas contra a parede.

— É melhor eu ir agora — ela disse.

Assentindo, deixei-a ir, o que ela claramente ansiava por fazer.

Pensei em Rose durante todo o tempo em que cavalguei. Era evidente que ela fora convocada à cama de meu tio, e que não apreciara a experiência. Cada vez que eu pensava naquela marca em seu rosto, meu estômago se contraía. O mais frustrante de tudo era saber que eu nada podia fazer para ajudá-la a escapar das garras dele.

Já seria difícil o bastante eu mesma tentar fugir.

O ar de Londres pareceu agir como um tônico em prima Louisa. Ela me arrastou pelas lojas da Bond Street, rejuvenescendo visivelmente com cada aquisição. Assustei-me com a quantidade de dinheiro gasto, mas ela me assegurou repetidas vezes que Charlwood não se surpreenderia.

— Quantos anos você tem, Louisa? — perguntei enquanto tomávamos um sorvete no Gunther's após uma sessão bastante cara de compras.

— Quarenta e um.

Eu achava que ela tinha uns sessenta.

— Você é mais jovem que meu pai! — deixei escapar, surpresa. Meu pai tinha quarenta e seis quando morreu, e seu cabelo negro e espesso não apresentava um fio cinza. E, com certeza, havia mechas cinza nos sedosos cachos castanhos de Louisa.

Ela sorriu com nostalgia.

— Então Daniel não envelheceu?

— Você *conheceu* papai?

— Eu estava em Charlwood no verão em que ele conheceu sua mãe.

Eu conhecia bem essa história. Papai entregara um cavalo para o

pai de mamãe, olhara para ela e permanecera para treinar os outros animais. Eles haviam se encontrado em segredo ao longo de todo o verão e, em setembro, tinham fugido para a Escócia, onde se casaram.

O sorriso de Louisa tornou-se ainda mais nostálgico.

— Seu pai era tão bonito, Kate! Lizzie se apaixonou loucamente por ele. Eu a ajudei a fazer a mala na noite em que eles fugiram.

Encarei-a. Não me dera conta de que Louisa tinha conhecido meus pais.

Uma mulher de meia-idade, bem-vestida, passou por nossa mesa e lançou um olhar desdenhoso para minha velha peliça marrom. Fitei-a com tamanha altivez que ela se surpreendeu.

*Velha harpia.*

— Eu sempre me perguntei se Lizzie era feliz — Louisa disse.

— Acho que ela era muito feliz. Papai era... — Por um instante, procurei palavras para descrevê-lo. — Oh... o mundo parecia muito mais repleto de vida ao redor de papai. É verdade que ele era um jogador, e havia épocas em que o dinheiro era curto. Mas... — Minha voz falhou, e eu comprimi os lábios.

Louisa gentilmente me deu alguns instantes para recompor-me antes de comentar:

— Você se parece muito com ele, Kate.

Meneei a cabeça. Era verdade que eu era semelhante a ele em aparência, mas no íntimo era bem diferente. Mudei de assunto.

— É bom estar longe de Charlwood. O lugar parece um túmulo.

Louisa estremeceu.

— Sempre foi assim. Quando eu era jovem, odiava ter que visitar a mansão.

— E era desse jeito quando minha mãe era jovem? — perguntei, curiosa.

Ela assentiu, e então olhou ao redor, como se temesse que alguém ouvisse suas palavras.

— Seu avô... — Ela se interrompeu e encarou o sorvete de limão.

— Sim? — Incitei-a a prosseguir ao ter a impressão de que ela não voltaria a falar.

Por fim, ela disse simplesmente:

— Seu avô era um homem duro.

Fiquei em silêncio. Do outro lado do salão, um garotinho derrubou a colher e gritou, querendo outra. Um garçom apressou-se a atendê-lo.

Louisa ergueu o olhar.

— Tenho certeza de que Lizzie achava a vida com Daniel, por mais difícil que fosse, infinitamente preferível à vida em Charlwood.

— Se você desgosta tanto de Charlwood, por que concordou em ficar comigo?

Ela suspirou.

— Não tive escolha, minha querida.

— Tolice. — Eu ainda era jovem o bastante para acreditar que adultos sempre tinham escolha.

— Não é, não — Louisa negou com tristeza. — Vivo com a família do meu irmão, e Charlwood ofereceu a Henry uma grande quantia de dinheiro se ele me dispensasse de meus serviços e me permitisse ser sua dama de companhia. Meu irmão aceitou e, portanto, tive que vir.

— Serviços? — indaguei, confusa. — Que serviços, Louisa?

— Eu sou governanta da minha cunhada. Eles não me chamam assim, é claro, mas é isso o que sou. E então, por eu não ser uma empregada, e sim dependente deles, podem me pedir para fazer uma porção de outras coisas.

A voz alta de uma garota destacou-se em uma das mesas ao nosso redor.

— Que tipo de outras coisas?

— Ah, eu me encarrego de ir à aldeia realizar algumas tarefas, cuidado das crianças se elas ficam doentes... Esse tipo de coisa.

— Eles pagam você?

Ela sorriu, desamparadamente.

— Eles me dão um lar, Kate.

Coloquei a colher sobre a toalha branca. O sorvete de repente perdera o sabor.

— Por que você tolera tal tratamento?

— Não tenho marido nem dinheiro, e preciso sobreviver.

— E você não poderia ganhar seu próprio dinheiro?

Louisa meneou a cabeça.

— A única alternativa para uma dama sem recursos próprios é tornar-se professora particular, e essa não é uma vida que eu deseje. Pelo menos agora, sou considerada um membro da família do meu irmão, mesmo que maltratada. Acredite em mim, Kate, a vida de uma tutora é muito pior. Você não faz parte nem da família e nem da criadagem. É uma vida triste.

Eu achei que parecia bem menos triste do que a vida que ela acabara de descrever. Pelo menos, recebia-se pelo trabalho! Desenhando círculos concêntricos na toalha com a ponta do dedo, indaguei pensativamente:

— Quais são as credenciais necessárias para se tornar professora, Louisa?

Ela não respondeu, mas senti que me fitava. Ergui os olhos, repletos de inocência.

— Não pense nisso, Kate. Ninguém a contrataria.

Aquilo me indignou.

— Por que não? Mãe me ensinou até os dez anos. E papai estava sempre disposto a comprar-me livros. Portanto, aprendi bastante por conta própria. — Ergui as sobrancelhas e lancei-lhe meu olhar mais imponente. — Eu lhe asseguro de que sou perfeitamente capaz de ensinar crianças pequenas.

— Não faria diferença se fosse uma estudiosa, minha querida. Você não seria contratada porque nenhuma mulher em seu juízo perfeito a deixaria perto de seu marido ou de seus filhos.

— Tolice.

— É verdade — Louisa disse com firmeza.

Decidi confiar nela.

— O que ocorre, Louisa, é que não quero voltar para Charlwood. Preciso achar um jeito de me sustentar.

— Encontre um marido.

Senti a expressão que meu pai definia como meu “olhar de mula” colocar-se em meu rosto.

— Não quero um marido.

Ela sorriu para mim como se eu fosse uma criança.

— Toda mulher quer um marido, minha querida.

Eu não exaltaria aquele comentário dando-lhe uma resposta. Em vez disso, pensei em nossas compras matutinas e nas dúzias de lojas caras de roupas e chapéus que se alinhavam na Bond Street. Tinha uma sensação deprimente de que Louisa estava certa a respeito de eu me tornar professora, mas com certeza havia outras formas.

— Há muitas lojas em Londres. Por que eu não poderia conseguir um posto em uma delas?

Louisa pareceu escandalizada.

— Você realmente acha que Charlwood permitiria que a sobrinha trabalhasse em uma loja em Londres?

— Ele não se importa comigo. Ficará feliz em ver-se livre de mim.

— Ele vai se importar com o que a sociedade disser a respeito dele, se sua sobrinha for reduzida a tornar-se assistente de uma modista de chapéus!

Eu tinha uma resposta para isso.

— E por que alguém teria que saber? Eu poderia conseguir um emprego em uma loja que a sociedade não frequente.

Louisa pareceu muito séria. Àquela altura, ambas havíamos esquecido os sorvetes, que derretiam devagar.

— Você não deve deixar a proteção de seu tio. Se fizer isso, Kate, se tentar viver por conta própria em Londres, não estará segura.

— Posso tomar conta de mim mesma.

— Você seria violentada em uma semana — ela falou bruscamente. — Londres não é o interior, Kate. Está repleta de cafajestes desempregados que não respeitariam uma mulher sozinha.

Mordi o lábio.

— Comprarei uma arma. Sei atirar. — Eu nunca desistia com facilidade.

Louisa revirou os olhos.

— Não acredito que estou tendo esta conversa! Kate, pense! Se alguém sair das sombras, você não terá tempo de usar uma arma.

Eu não era uma garotinha estúpida, que desconhecia o mundo. Lembrei-me das muitas vezes que meu pai se colocara entre mim e

algum homem que me lançara um olhar ardente e voraz. Louisa tinha razão. Infelizmente. Comi um pouco do sorvete derretido enquanto quebrava a cabeça. De repente, tive uma ideia.

— Eu poderia fingir ser um menino! Costumava usar calças para treinar os cavalos. Se cortar o cabelo... — Dei um sorriso triunfante.

— Que ideia esplêndida, Louisa! Ninguém violentaria um menino!

— Você está brincando comigo.

— Não. Eu lhe asseguro, Louisa, eu poderia obter uma posição em qualquer estábulo. Sou realmente *muito* boa com cavalos. — Não havia motivo para falsa modéstia. Quanto mais considerava aquela ideia, mais a apreciava. — Pense em Rosalind, de *Como Gostais* — falei com entusiasmo. — *Ela* enganou todo mundo. Por que eu não posso fazer o mesmo?

Louisa me olhava com uma mescla de admiração e horror.

— Não me importo se você é um gênio com cavalos. — Sua face estava corada, e ela parecia quase bonita. — Não importa o posto que você consiga encontrar, Kate, você não terá o luxo de um quarto próprio. Precisarás compartilhar um alojamento, e não há modo de manter seu sexo em segredo se dividir um quarto com outros homens.

Franzi o cenho. Não gostava da forma como ela punha água fria nos meus belos planos.

— Você é tão pessimista, Louisa!

— Sou realista, minha querida. — O bonito rosado desvaneceu de seu rosto. — Encontre um marido, Kate. É a única solução.